

□ POLÍTICA ECONÔMICA/Balanço

Sarney entrega herança de problemas

Apesar da crise, país que Collor recebe é melhor do que o entregue por Figueiredo a Sarney

PEDRO CAFARDO

O governo Sarney termina hoje com a sua credibilidade praticamente reduzida a zero. Deixa para seu sucessor um verdadeiro mar de problemas a resolver, a começar pela escandalosa inflação de quase 80% ao mês. Nos cinco anos de governo, a inflação acumulada atingiu 1.062.000%, a dívida interna dobrou em termos reais, a dívida externa cresceu 13%, o País não conseguiu honrar seus compromissos externos e inscreveu seu nome na lista das nações caloteiras. Por isso, a comunidade financeira internacional parou de emprestar e investir no Brasil e o capital estrangeiro começou a bater em retirada.

Esse é o retrato falado do Brasil neste dia em que o governo, euforicamente batizado de Nova República por Tancredo Neves, entrega o poder ao primeiro presidente eleito pelo voto direto em quase 30 anos. Mas esse quadro não espelha toda a realidade do País: Os cinco anos do governo Sarney foram sem dúvida marcados pela crise, pela incompetência e pela hiperinflação. Mas, apesar disso, o Brasil que passa às mãos do presidente Fernando Collor, analisado pela fria realidade dos números, é melhor do que aquele entregue por João Figueiredo a Sarney, em março de 1985.

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro nos cinco anos de Sarney cresceu 25%. Não é um recorde e a marca está muito abaixo da média conseguida pelo País nas décadas passadas, de 7% ao ano ou 40% num quinquênio. Mas, comparado com alguns países da América Latina, o Brasil aparece em posição de destaque.

A renda per capita, por exemplo, subiu cerca de 12% nos cinco anos e atingiu pouco mais de US\$

2 mil no ano passado. Enquanto isso, países como Argentina, Venezuela e México, igualmente envolvidos por problemas de endividamento externo e inflação, apresentaram taxas negativas. A renda per capita, nos últimos cinco anos, caiu 12% na Argentina, 7% no México e 6,7% na Venezuela.

As populações desses três países ficaram, portanto, mais pobres nos últimos cinco anos. A do Brasil, pela amostra estatística da renda per capita, não. É o que indicam, também, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) no capítulo da distribuição de renda. Quando terminou o governo Figueiredo, 21,6% das pessoas com mais de dez anos tinham rendimento mensal de um salário mínimo ou menos. Em 1988 — os dados do PNAD-89 ainda não foram divulgados —, esse percentual tinha caído para 20,9%. O avanço foi modesto, mas ocorreu e pode ser sentido também pelo crescimento proporcional das pessoas que se encontram no pico da pirâmide salarial.

Essa melhoria da renda certamente pode ser creditada ao crescimento dos setores urbanos da economia, principalmente da indústria, que aumentou sua produção em 24% no período, e do setor de serviços, com expansão de 26%. Assim, o desemprego foi praticamente eliminado no País, depois de ter alcançado níveis altíssimos no governo Figueiredo. O número de desempregados caiu de 8% da força de trabalho em 1984 para menos de 3% em fins de 1989.

Os críticos poderão dizer, com certa dose de razão, que o próprio crescimento foi fruto da irresponsabilidade do governo Sarney. Se o ritmo tivesse sido mais moderado, não teríamos chegado tão perto do descontrole da hiperinflação. Para a história, de qualquer forma, ficarão esses números positivos sobre a atividade econômica no período 85/89.

Até mesmo os indicadores sociais e de educação mostram avanços. Em 1984, quase 21% da população com dez anos ou mais eram analfabetos. Quatro anos depois, a taxa tinha caído para

18,5%. A mortalidade infantil, talvez o mais importante indicador do avanço da população, diminuiu de 65 em cada mil crianças nascidas vivas para 51.

Dadas as manifestações agudas da crise atual, é difícil acreditar, mas as condições de moradia dos brasileiros melhoraram seguidamente no quinquênio. Em 1984, por exemplo, 8,1% das moradias visitadas pelos pesquisadores do IBGE eram definidas como "rústicas", ou seja, favelas, cortiços e assemelhados. Em 1988, só 6,5% estavam nessa categoria.

Dentro das residências, o PNAD também identificou progressos no conforto. Cerca de 71% das casas eram abastecidas por rede geral de água em 1988, em comparação com 66,2% em 1984. A iluminação elétrica atingia 86% das residências, 10% a mais do que em 84. As geladeiras estavam presentes em 69% das habitações (62% em 84). E havia, no total, 32 milhões de domicílios e seis milhões tinham sido construídos nos últimos dez anos.

Exportação, o melhor resultado

Os números sobre a safra de grãos nos últimos cinco anos também indicam um crescimento substancial na produção e na produtividade agrícola. Sem grande aumento da área plantada, a safra evoluiu de 52,4 milhões de toneladas em 1984 para 72 milhões em 1989.

Grande parte desse acréscimo de produção utendeu às exportações. E foi nessa área, do comércio exterior, que o País conseguiu talvez o seu melhor resultado no período Sarney. O superávit médio anual da balança comercial atingiu US\$ 12,78 bilhões. Ao final dos cinco anos, o País tinha acumulado um saldo positivo de US\$ 67 bilhões, um

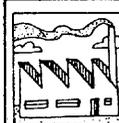
valor invejável em termos mundiais, só superado pelos resultados do Japão e da Alemanha.

Esse quase inacreditável saldo de receitas em dólares, suficiente para pagar mais da metade da dívida externa, foi conseguido principalmente devido a um persistente esforço de contenção de importações, como as de petróleo, por exemplo. No início da década de 80, as importações anuais eram de US\$ 22 bilhões, número reduzido para US\$ 13 bilhões em 1985 e US\$ 18 bilhões em 1989. Mas as exportações também cresceram cerca de 20% do governo Figueiredo para o governo Sarney, passando de uma média anual de US\$ 22,4 bilhões para US\$ 27 bilhões.

Nocauteado pela inflação assustadora, o governo Sarney não tem forças nem competência para apresentar seus sucessos. Na semana passada, durante a última reunião do ministério, Sarney colocou alguns dos números positivos em seu longo discurso. No caso da dívida externa, o presidente maquiou a realidade para mostrar uma redução do valor. Mas os números são quase todos verdadeiros. Só não é passível pretender atribuir a avanço do País nesses cinco anos ao governo Sarney. O dinamismo da economia foi mantido, apesar do governo, por uma parcela ativa do setor privado que continuou investindo e pela força dos brasileiros que trabalham.

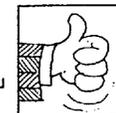
Vitórias e derrotas

Os principais números dos 5 anos do governo Sarney



PIB

Cresceu 25% nos cinco anos. A indústria avançou 24%, a agricultura 17% e o setor de serviços 26%



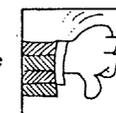
Renda per capita

A população passou de 132,6 milhões em 1984 para 147 milhões em 1989. Mesmo assim, a renda per capita cresceu 12%



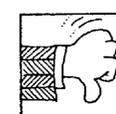
Inflação

Os preços subiram em média 1.062.000% de março de 85 a fevereiro de 90. Foi a maior derrota do governo Sarney



Investimentos

Ficaram entre 16% e 19% do PIB durante os cinco anos do governo, as taxas mais baixas dos últimos 30 anos



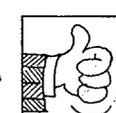
Agricultura

A safra de grãos cresceu de 52,4 milhões de toneladas em 1984 para 72 milhões em 1989



Distribuição de renda

O número de pessoas que ganham até 1 salário mínimo diminuiu de 21,6% do total em 84 para 20,9% em 88. O dos que ganham mais de 20 salários subiu de 0,9% para 1,4% do total



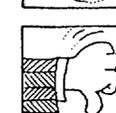
Balança comercial

Nos cinco anos o superávit comercial acumulado atingiu US\$ 67 bilhões, valor que daria para pagar mais de metade da dívida externa



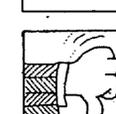
Dívida externa

Aumentou de US\$ 102 bilhões ao final do governo Figueiredo para US\$ 115 bilhões agora



Dívida interna

Representava apenas 15% do PIB em 1984. Agora já alcança quase 30%



Analfabetismo

Os analfabetos eram 20,8% da população com dez anos ou mais, número que caiu para 18,5% em 1988



Mortalidade infantil

Em 1984 morriam 65 em cada mil crianças nascidas vivas. O dado mais recente, de 1987, indica que esse número baixou para 51

